

PORTFÓLIOS COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NOS PROCESSOS DE ESTÁGIO -SABERES E ESCRITA DE SI

Áurea da Silva Pereira¹

Resumo:

Este artigo propõe discutir os processos formativos de estudantes do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, a partir dos escritos de memoriais nos componentes curriculares Estágio I, II, III e IV. O desejo em construir tal análise surge das inquietações e preocupações acerca da formação dos nossos estudantes/professores de Letras. Assim, utilizamos cinco memoriais escritos por esses autores/atores que retomam os seus percursos formativos familiares, educacionais e acadêmicos numa perspectiva de escrita de si que traz implicações epistemológicas e educacionais. Através desses memoriais, retomamos também as nossas bases teóricas que nos reorientam a um olhar sobre nosso eu, nosso curricular e nossas crenças.

Palavras-chave: Memorial – Formação - Estudante de Letras

1 Considerações iniciais

Como se forma um professor? Uma pergunta que parece fácil de ser respondida, mas é complexa. A formação se dá na incompletude de cada um, ou seria na capacidade de voltar-se para si, na busca da superação e na orientação e (re)orientação de cada um. Na condição de professoras formadoras concebemos concepções, crenças e conceitos pré-concebidos que perpassam por ações educativas complexas que emergem das nossas histórias de formação de pessoas que somos e educadoras que nos tornamos. Para compreender melhor os nossos processos formativos e de nossos estudantes/professores nos propusemos a realizar um trabalho de estágio que buscasse ir além do planejamento e supervisão das aulas e encontros semanais; num tripé de fazer, repensar e escrever a formação de professor de Língua Portuguesa, adotamos uma metodologia de trabalho que nos permitisse conhecer as trajetórias de vida de nossas estudantes de Letras. Então, encontramos em Josso (2004, 2007, 2010), Souza (2006), Passeggi (2008) e Delory-Momberger (2008) bases teóricas para o que desejávamos fazer, dizer e construir; além de um convite às provocações e as proposições de uma escrita de si – um mergulho que busca em si, explicações, imagens e narrativas para um saber de quem somos e porque me tornei assim, e porque escolhi ser professora.

Para trabalhar na perspectiva dos autores apresentados, iniciamos leituras, seleções de obras, artigos e filmes para trabalhar com os estudantes do V semestre, em Estágio I ao Estágio IV. Dando ênfase a abordagem autobiográfica, colocamos em cena propostas de trabalhos que encaminham para uma construção de escritos que colocam em cena as histórias de vida de cada um/uma. O que nós queríamos e queremos saber, é como nossos/as estudantes escolheram o curso de Letras e por que estão no curso, para então, poder acompanhar, discutir, orientar e contribuir com a formação coletiva e individual. Acreditamos que essa metodologia tem contribuído para uma compreensão mais ampla, pois à medida que conhecemos as trajetórias de vida de cada um/a, percebemos a impossibilidade de construir

¹ Professora Assistente do Componente Curricular Estágio da Universidade do Estado da Bahia, Campus II – Departamento de Educação. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Faz parte dos seguintes grupos de pesquisa: GRAFHO / GEREL. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Linguagem, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, identidade, ensino, cultura, memória e percursos formativos na formação docente. Atualmente pesquisa sobre letramento em comunidades rurais, educação rural/campo, educação de jovens e adultos com ênfase à educação de mulheres idosas no Programa de Alfabetização TOPA - Todos pela Alfabetização. Em suas pesquisas, tem utilizado a metodologia da História Oral com ênfase às narrativas autobiográficas. Bolsista do PAC. E-mail: aureauneb@gmail.com

um único modelo de formação. Os/as estudantes do curso de Licenciatura de Letras procuram traçar seu caminho de formação, incluindo em seu processo, experiências e vivências que decorrem de escolhas pessoais. Percebemos que muitos/as estudantes estão no curso de Letras, mas não desejam exercer a docência, desejam apenas o diploma; outros estão ali por falta de opção para outros cursos; e ainda aqueles que querem ser professor universitário, mas jamais pensam em ministrar aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Assim, a proposta deste artigo se inscreve no âmbito da formação de professores estudantes de Letras, do Departamento de Educação, do Campus II – UNEB. Para este trabalho, escolhemos excertos de memoriais dos/as estudantes de Letras, do semestre 2009.2. Nestes memoriais, destacamos como eixo temático a seguinte categoria: **Como estou me tornando professora de Português – encontros e desencontros com a profissão**. Nesse viés discursivo, abordaremos as identidades docentes em construção e sentimentos docentes de professor de português que perpassam pelos dilemas e buscas de um encontro com a profissão. A idealização desse trabalho surge de nossas inquietações e preocupações com a formação profissional docente das discentes de Letras que perpassa pela construção identitária do “Professor de Português”.

Há tempos temos nos perguntado sobre a função política, social e educacional do Estágio na formação docente dos cursos de licenciaturas. Somos nós professores de Estágio que acompanhamos estudantes dos cursos de Licenciaturas nas escolas. Por outro lado, somos nós que experienciamos as crises entre as escolhas, os espaços de educação, planejamentos. Somos nós também que recebemos e-mails que dizem assim: *Professora eu não desejo ser professora de ensino fundamental e médio, por favor, me arrume outro lugar para fazer o estágio; Professora, eu não quero mais ficar naquela sala de aula, a regente me deixou só...* Entre outras questões, temos também os outros componentes curriculares junto com o componente estágio; ou apenas uma falsa aparência de que o estágio se configura apenas como cumprimento de carga horária. Essas questões apenas nos fortalecem mais e mais na docência universitária, porque sentimos que nossa “briga” em desejar realizar uma formação acadêmica na universidade, requer uma tomada de decisões mais firmes com arcabouço teórico consistente, uma política de pesquisa, ensino e extensão que possa contribuir com a discussão do currículo dos cursos de licenciaturas. Partindo dessas proposições, nos perguntamos e temos vislumbrado nossas inquietações nos portfólios e memoriais escritos pelos estudantes de Letras. Qual é a função do professor de estágio nos cursos de Licenciaturas? Como se configura o estágio no curso de Letras? Questões desta natureza têm nos inquietado muito em nosso Departamento e Colegiado. Tais questões têm nos instigado cada vez mais a pensar sobre o professor que estamos formando como também temos pensado sobre os profissionais que somos nesse processo formativo.

Entendemos que o objetivo do estágio no curso de Letras tem sido o de propiciar as estudantes/professores/as de Letras condições para conhecer espaços escolares de educação formal e não formal. E lá experienciar e transformar aquele espaço num laboratório de aprendizagens, desafios e conhecimento. E a partir deste confronto entre as ações cotidianas e com as produções elaboradas nesses contextos, fez-se necessário, então, rever as práticas e as teorias que subjazem as ações pedagógicas dos nossos estudantes e professores da rede pública municipal e estadual do nosso município.

Até algum tempo, o estágio era compreendido como uma parte dos cursos de formação de profissionais em contraposição a teoria. Não é raro, ainda, ouvir alunos que concluem o curso e afirmam que a prática se aprende com a prática e que teoria é uma coisa e a prática é outra. Na verdade, toda prática precisa está fundamentada em uma teoria. O papel das teorias é de instrumentalizar os professores e professoras para pensar a problemática da sua ação pedagógica tomando como base uma teoria que irá ajudar no fazer pedagógico, a partir do contexto e dos saberes dos educandos.

No curso de Letras, os/as estudantes constroem as bases teóricas da Literatura, das Ciências da Linguagem – a Lingüística, a Sociolingüística, as Ciências Antropológicas e Culturais e as Ciências que estudam os fenômenos educacionais; além da Psicologia, da Sociologia e Filosofia. Pensando assim, basta olharmos o currículo do curso e aí nos deparamos com arcabouço teórico que os estudantes de Letras precisam dominar durante cinco ou seis semestres. Pois, no V semestre, o/a estudante de Letras já inicia o Estágio I, que é concebido para pesquisar/ levantar um diagnóstico das salas de aula, bem como o contexto social, político e as implicações pedagógicas que perpassam pelo fazer pedagógico; além da estrutura física da escola, bairro e grupos sociais pertencentes ao bairro, cidade e etc.

Percebemos que no Campus II, onde atuamos, o estágio se configurava para “muitos” como uma forma de cumprimento de carga horária e entrega de um relatório e/ou artigo no final de cada semestre com pouca reflexão do fazer pedagógico. Esse tipo de gênero textual constituía-se numa escrita para ser lida e atribuída uma nota, mas não traduzia para nós, a tessitura das aulas, os dilemas, inquietações e inferências que surgem na *práxis*. Então, precisávamos de uma metodologia que permitisse os/as estudantes em iniciação docente falar de si, escrever sobre si. Escrever sobre os empecilhos, os dilemas, sobre suas trajetórias no processo formativo da docência. O ato de escrever sobre si na escritura do portfólio e do memorial é um “auto-revelar-se” para dizer quem é, como e porque se fez assim. Desse modo, o memorial é um recurso privilegiado de tomada de consciência de si mesmo, à medida que permite atingir um grau de elaboração lógica e de flexibilidade, de uma forma mais acabada do que na expressão oral (PASSEGGI, 2008).

Assim, tomamos a escrita autobiográfica como eixo metodológico como forma de propiciar espaços e estratégias que permita a cada estudante e professor formador a pensar sobre sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. E a construção de portfólios e memoriais como gêneros textuais e instrumentos que permitem que as estudantes escrevam suas percepções, crises, aulas, dilemas, inferências e estratégias construídas nesse processo de auto-formação e construam suas histórias de discentes e docentes. Ao narrar sobre si, o/a estudante se constitui como autor/pesquisador e ao mesmo tempo, ele se convoca a se responsabilizar sobre o ato de escrever e dizer sobre si.

Para acompanhar de perto a tessitura dessa docência desse grupo, fizemos a opção pela elaboração de portfólios e memoriais nos estágios I, II, III e IV, pois acreditamos que esses instrumentos metodológicos permitem construir um retrato das *práxis* do estágio no curso de Letras e auto-retrato dos/a estudantes no exercício inicial da docência.

A escolha por portfólios se dá por entendermos que se trata de uma estratégia didática de aprofundamento do conhecimento sobre o processo ensino-aprendizagem e natureza reflexiva, colaborativa e interpessoal dos processos de construção do conhecimento. Acreditamos que o registro pontual e reflexivo das aulas/atividades/reflexões narradas no portfólio dão subsídios para um olhar de si no ato de narrar e registrar os acontecimentos da prática docente; além disso, permite a construção do retrato pedagógico na sala de aula.

O interesse pela escrita de memoriais permite que os estudantes debruçem sobre si e tenham suas trajetórias de vida construídas nas linhagens de cada família que perpassam pelo nascimento, infância, juventude, escola, namoros, amigos, casamentos, filhos e etc., e nesse escrever de si, os estudantes deixam suas marcas pontuando e explicitando fatos, eventos, acontecimentos que provocaram efeitos formadores na sua vida pessoal, acadêmica e intelectual.

A escolha das narrativas autobiográficas para ser apresentado, aqui, dar-se por cinco motivos: a) a construção de modelo de educativo que permite o sujeito pensar na sua formação; b) a escrita de portfólios permite cada um construir o auto-retrato de si e do fazer pedagógico; c) o memorial permite a construção do percurso familiar, intelectual e acadêmico e educativo de cada estudante; d) o portfólio e o memorial dão fundamento da *práxis* de

formação, à medida que permite que cada um pense e reflita sobre o fazer pedagógico e sobre si entre os encontros e desencontros da formação.

Pautamos ainda nossa escolha em Josso (2004, p. 63) ao afirmar que,

A nossa escolha por um processo de pesquisa-formação está intimamente ligada ao fato de a construção do material que dá forma ao objeto de reflexão, a formação do ponto de vista do aprendente, passar pelo desenvolvimento de uma capacidade de apropriação deste objeto. [...] É ainda necessário que eles possam classificar as experiências que subentendem os seus pontos de vista e que sejam capazes de dar conta do seu processo reflexivo, aqui e agora, sobre estas experiências.

Pretendemos trazer para esse texto as reflexões que nossos estudantes/professores fazem de si, dos seus encontros e desencontros com a profissão e como lidam com as desmotivações provindas da docência. Pois, sabemos que “a atividade de construção, e por vezes de reconstrução, das experiências de vida que parecem significativas para compreender como e por que o *eu* se tornou no que ele pensa caracterizá-lo no momento da abordagem” (JOSSO, 2004, p. 63).

Trazemos, também Passeggi (2008, p. 27) para nos ajudar a dizer o que significa usar o memorial como instrumento metodológico no estágio de Letras. Então, “o memorial – como arte profissional de tecer uma figura pública de si, ao escrever sobre os recortes da vida”. Aqui, essa narrativa ganha outros sentidos, pois além de tecer essa figura pública, nos mostra caminhos e descaminhos que traçamos na formação de pessoas. Nesse ato de autobiografizar, cada um busca a si mesmo. “Essa prática das histórias de vida em formação repousa sobre a idéia da apropriação de sua história pelo indivíduo que faz a narrativa da sua vida” (Delory-Momberger, 2008, p. 94).

O Estágio I é concebido para levantar o diagnóstico das aulas e salas de aula, bem como o contexto social, político e as implicações pedagógicas que perpassam pelo fazer pedagógico. Nessa fase, os estudantes adentram a escola na condição de pesquisadores e ali ficam durante um semestre, escrevendo a etnografia da escolar e da sala de aula. Para tentar saber mais sobre os processos formativos, trabalhamos inicialmente com portfólios, no estágio I. Neste estágio, os estudantes vão à escola para conhecer o cotidiano escolar, perceber como se tecem as aulas, as conversas e como os saberes e os conhecimentos são construídos entre as conversas da sala de aula, conversas de corredores, negociações e outros projetos escolares. Nesse período, orientamos um escrito de cunho etnográfico e os/as estudantes elaboram um portfólio de tudo que foi visto na escola, aos arredores da escola e na sala de aula. Um texto que relate o cotidiano escolar, sem nenhum tipo de julgamento ou juízo de valor.

No Estágio II, é o momento de iniciar as ações pedagógicas em espaços de educação formal e não formal. Nesse momento, os estudantes elaboram oficinas, cursos de extensão e seminários para os espaços formais e não formais. Lá, eles iniciam as atividades pedagógicas a partir do que foi percebido na pesquisa de observação. Para esse trabalho, os estudantes elaboram projetos, oficinas e logo após, a execução das atividades, organizam o portfólio.

No Estágio III, os estudantes iniciam a regência de 5^a a 8^a série. Esse estágio tem duração de 105 horas, entre as aulas, encontros e estágio em sala de aula. Deixamos para experiência docente 50 horas/aulas. Nesse estágio, as estudantes também entregam um portfólio no final do curso.

No estágio IV, é a regência do ensino médio. No final da regência, além do diário de registros e planos, os estudantes, elaboram um memorial narrando suas experiências de formação profissional docente, o que implica retomar aos portfólios já elaborados e ao curso de Letras. Tanto nos portfólios como no memorial os estudantes narram suas experiências, fazem suas implicações e refletem sobre seu fazer pedagógico como professores pesquisadores em formação.

Encontros e desencontros com a docência: caminhos e descaminhos dos/das estudantes de Letras

Os escritos dos portfólios e memoriais se constituem como documentos formativos docentes. A adoção desse tipo de metodologia por nós, professoras pesquisadoras e formadoras, se justifica pela busca de um paradigma que, além de reconhecer a subjetividade, alimenta “a idéia de sujeito como ser consciente, capaz de reconhecer as relações de poder e de se apropriar do seu próprio poder”. (PASSEGGI, 2008, p. 36), de auto-formação, que pode por si, se narrar, se autorizar e se formar. Pois escrever sobre si é um processo laborioso, sedutor, complexo e transgressor.

Então, aqui, trazemos as análises de cinco memoriais de estudantes de Letras que se formaram no semestre 2009.2. Nessas narrativas, podemos perceber a importância dessa escrita narrativa no processo de formação, que, às vezes, parece fácil aos olhos de alguns, entretanto, encorajar-se a se debruçar sobre si é uma tarefa complexa. Esse tipo de escrita é engendrada por uma autocrítica. É uma narrativa de si que remete a *práxis* docente do professor da educação básica até o professor universitário.

A escrita de si narra o trabalho de estágio e suas pré-concepções de mundo, de escola, de si frente aos espaços escolares.

Desde o V semestre trocamos o componente curricular Prática Pedagógica pelo componente Estágio e a partir daí fizemos Estágio I, II, III e IV, e cada novo estágio fomos nos construindo, nos resignificando, pensando se queremos ou não enfrentar as escolas sem estrutura e as salas de aula superlotadas que nos esperam, pensando, escrevendo sobre os caminhos e descaminhos da nossa formação por meio do portfólio, que é uma proposta para reflexão do fazer pedagógico (**ESTUDANTE-PROFESSORA A**).

Aqui, na fala da estudante, ela começa a se perceber nesse processo ao escrever sobre sua formação no curso de letras e inserção na docência. Pois é, escrevendo sobre os caminhos e descaminhos da formação é que podemos perceber as lacunas do curso, os fundamentos que se baseiam para se constituir como docente. Os registros de si no ato de refletir sobre o fazer docente permite que cada um se narre sobre sua entrada no curso e se reconstrua nessa travessia. Como afirma Passeggi (2008, p. 35),

A finalidade de escrever sobre a própria aprendizagem é justamente a de poder(aprender) a situar-se,deliberadamente, do lado do processo e não do produto, da ação e não da produção, pois se volta para a relação da pessoa com o conhecimento. A escrita reflexiva sobre a experiência de aprendizagem, quer se trate de um memorial, um portfólio, um diário de pesquisa ou da história de vida profissional, “formam para a formalidade”, ou seja, para a capacidade de mudança qualitativa, pessoal, profissional, engendrada por uma relação reflexiva com “sua história”, considerada como processo de formação.

Mas não é uma tarefa fácil escrever sobre um pensar pessoal, profissional e intelectual em construção. É um modo de se desnudar para o público. E o memorial como uma narrativa autobiográfica permite o tecer dessa figura pública que cada faz de si ao narrar sobre si. No ato de narrar sua trajetória, ela traz também as bases teóricas de curso, o fazer do docente do professor de ensino superior; há uma linhagem de uma *práxis* universitária que se encontram e desencontram na inscrição do estágio docente. Esses traços são visíveis.

Como diz Josso (2007, p.15),

Os lugares de formação, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, de desenvolvimento de competências sociais ou, ainda, para uma perspectiva de formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações referem-se a problemática de posicionamento de suas vidas e de suas ações em sociedades em plena

mutação, assim como problemáticas de compreensão da natureza dessa própria mutação.

Os lugares de formação pelos quais passamos nos orientam e nos reorientam, é das outras experiências que buscamos a compreensão. A formação profissional de cada sujeito não começa na universidade, ela inicia-se em outros espaços, em outros cruzamentos de vidas e espaços. É lá que vamos construindo nossos saberes com outros sujeitos, seja na família, na igreja, no sindicato, com os amigos, nas associações, no clube, na rua.

A prática de memoriais e portfólios na formação docente permite que os sujeitos se percebam, analisem com sua história de vida está imbricada nas escolhas profissionais e construção dessa identidade. “Trabalhar a questão da identidade através da análise das histórias de vida permite colocar em evidência a pluralidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida” (JOSSO, 2007, p. 15). Não há projeto de formação que não esteja entrelaçado com a identidade de cada um.

Na narrativa, a **estudante/professora B** de Letras diz:

Ao ministrar as aulas era comum as dúvidas existentes como, por exemplo, que profissionais queremos ser? E apesar de toda dificuldade procurei sempre incentivá-los já que a realidade de cada aluno é distinta e o ambiente de sala de aula é heterogêneo. (...) Não concluo esta minha reflexão como eu gostaria de ter feito, porque em primeiro lugar não sei se devo escrever e em segundo lugar estou no início de minha caminhada não posso adivinhar o futuro. No entanto, hoje eu penso ao contrário do início da jornada em ir mais além à minha vida acadêmica para minha realização pessoal. Ainda não aprendi amar o curso de Licenciatura de Letras Vernáculas em si, mas aprendi a gostar do que eu fiz ao ministrar o último estágio no curso pré-vestibular Vida no município de Alagoinhas e sei que posso fazer melhor.

Aqui, a estudante/professora traz seus questionamentos sobre a docência e que tipo de professor deseja ser. Mostra-se como profissional na condução do fazer pedagógico, mas reconhece que poderia ter realizado um trabalho melhor. O estar no curso de Licenciatura não condiz com sua escolha profissional e isso é um dos desafios que enfrentamos em cada semestre quando iniciamos o trabalho de orientação e supervisão de estágio. Repensar sua *práxis* docente perpassa pela sua trajetória de vida e pelas escolhas que foram feitas nessa travessia universitária de um curso de licenciatura.

Vejam os que diz o **estudante/professor C** diz,

Quando fizemos a Tive a oportunidade de fazer essa observação no Colégio Brasilino Viegas, foram poucas aulas, mas o ponto importante dessa observação foram as críticas feitas por nós graduandos a prática da professora, lembro que todos os grupos foram por essa mesma linha a crítica aos professores. Nesse primeiro momento de observação colocamos a culpa do sistema de ensino nos professores. Essa atitude permaneceu no terceiro semestre quando fizemos observações novamente em sala de aula, mas uma vez a culpa era do professor. No sexto semestre, no Componente Estágio II, tivemos a oportunidade de estar em sala de aula como docentes e não mais como observadores, no meu caso foi a primeira experiência em sala de aula. Nesse trabalho podemos sentir na pele as dificuldades vivenciadas pelos professores, como a falta de material, podemos observar também a existência de alunos desmotivados e repetentes. Essa experiência me fez refletir sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem, e até mesmo sobre a minha vontade de permanecer em sala de aula como professor. [...] No estágio III, tive a experiência mais difícil de minha graduação, difícil porém gratificante para mim como pessoa e como formanda em professor.[...] Assumir a turma durante a segunda unidade. O momento mais

difícil foi no primeiro dia de aula, quando vi que a vida de professor não é fácil, quando após minha apresentação aos alunos, a professora regente disse a turma é sua. Nesse momento pude perceber o quanto é importante o papel do professor, o quanto podemos ser significativos ou não nas vidas dos alunos. Ao olhar para os discentes percebia que eles esperavam alguma coisa de mim.

Narrar sobre si é voltar-se para si, é neste momento, reconstruir sua imagem ou pensar como foi constituindo sua formação. Percebe-se aqui neste excerto a importância do estágio de observação na escola. E isso só reforça o que Barreiro e Gebran (2006, p. 92) pontuam quando abordam sobre observação e atuação na escola:

A observação, a ser realizada na escola e na sala de aula, deve se pautar por uma perspectiva investigativa da realidade, tanto pela professora de Prática de Ensino quanto pelo futuro docente. Ao mesmo tempo que as observações servem para acompanhar as práticas institucionais e as ações na escola, elas balizam as próprias ações do futuro professor, no sentido de facilitar a compreensão da realidade, dos fatos, da prática docente, a partir de um olhar crítico investigativo.

Aqui a **estudante/professora E** narra em seu memorial às experiências de escrita vivida na escrita de si:

O terceiro portfólio relatou o que chamo de experiência docente propriamente dita, esse foi o estágio de “choque de realidade”, tanto que o chamei de Estágio: experiências e decepções na prática docente [...] confesso que detesto lembrar esse período, mas se é inevitável, voltarei a ele e a todos os outros durante a minha narrativa. No terceiro estágio, o maior objetivo que tracei ao cumpri-lo foi adquirir experiência individual no ensino fundamental e passar para eles/as um pouco do que aprendi ao longo dos meus estudos, e por que não dizer ao longo da vida. Naquele momento eu senti uma grande necessidade de me encontrar profissionalmente, eu precisava começar a consolidar a construção da minha identidade de professora, identidade essa que é construída ao longo da trajetória profissional, começando no período de observação e se solidificando com a prática docente.

Percebe-se como a **estudante/professora** se percebe no seu processo formativo, vimos aqui, que a questão da imagem do estágio, a definição do nome e as memórias perigosas do detestar lembrar. Há um questionamento do não querer ser a professora “ruim”. Detestar lembrar essa fase é não querer ser ou parecer aquilo que foi feito. Como diz Josso (2007, p. 17), “a questão da identidade é abordada pelo viés da imagem de si mesmo e, de uma maneira mais indireta, pelos componentes do eu”.

Pimenta (2004) ao discutir sobre a construção da identidade docente pontua que uma identidade profissional se constrói a partir dos sentidos e dos significados experienciados socialmente na profissão. Sobre os nossos olhares, a identidade profissional se inicia na escolha do curso e isso vai se construindo e reconstruindo nos primeiros semestres do curso de licenciatura; e começa ser “encarada” como o lugar da *práxis*, a partir da observação. A observação se constitui num momento decisivo na formação docente. Mas não só isso, “o curso, o estágio, as aprendizagens das demais disciplinas e experiências e vivências dentro e fora da universidade ajudam a construir a identidade docente” (PIMENTA, 2004, p. 67).

Onde queremos chegar....

Narrar histórias de vida acadêmica é trabalhar sobre ela e com ela. Escritos dessa natureza oferecem “ao (futuro) professor as chaves para o acesso ao processo histórico de sua formação, aos conhecimentos implícitos e as novas formas de aprendizagem (PASSEGGI, 2008, p. 43).

Assumir a docência é um momento crucial na vida dos estudantes/estagiários. Esse momento é marcado por medo, desejo e crise. A construção dessa autonomia é demarcada por insegurança. “A narrativa de um percurso intelectual e de práticas de conhecimento põe em evidência os registros da expressão dos desafios de conhecimento ao longo de uma vida. Esses registros são precisamente os conhecimentos elaborados em função de sensibilidades particulares em um dado período” (JOSSO, 2004, p. 43).

Percebemos como “a escrita revela a característica, ou seja, faz de um indivíduo um autor que se inscreve, através de suas idéias nomeadas, identificando assim, características de quem se diz” (PERES, 2010, p. 77). Narrar-se em um processo de formação é trabalhar sobre si, aos conhecimentos implícitos e as novas formas de aprendizagem. Através da escrita de si, o sujeito tem a oportunidade de refletir sobre seu processo formativo, como afirma Souza (2006, p. 102), “a arte de lembrar remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar às experiências”.

Enquanto lemos as narrativas dos estudantes/professores, mergulhamos em nossos investimentos pedagógicos de professores universitários de um curso de Licenciatura em Letras. As implicações postas, aqui, nos remetem as nossas próprias investigações de professores docentes universitários que buscam pesquisar seus processos formativos nos processos formativos dos seus orientandos, estudantes/ professores de Letras.

Referências:

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas;GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. Abordagem biográfica em situações educativas: formação de si. In: **Presente!** Revista de educação. Salvador: CEAP, a. 15, nº 57, 2007.p.15-20.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Trad. Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória educativa: narrativas de formação –recortes de um eu em crescimento e partilha.In: **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA:UNEB, 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre Barbosa (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre Barbosa (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PERES, Lúcia Maria Vaz. A escrita da memória autobiográfica... para que te quero? In: SOUZA, Elizeu Clementino; GALLEGOS, Rita de Cássia (Orgs.). **Espaços, tempo e gerações: perspectivas (auto)biográficas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.